

CAMINHADA, UMA FUSÃO PERFEITA DE IDEIA E FORMA*

Sábato Magaldi

Caminhada, em cartaz no Teatro Galpão, mostra finalmente ao nosso público, no desempenho de Célia Gouvêa, o resultado de um preparo multidisciplinar. Os anos que ela passou no Mudra, em Bruxelas, sob a orientação de Maurice Béjart, são visíveis na mestria física, no domínio corporal, na riqueza imprevista de gestos e movimentos, e mesmo na segurança com que as palavras e os sons se incorporam à personagem.

O corpo parece livre para as mais insuspeitadas expressões. Uma pirueta do balé clássico se completa com uma postura cômica, num encadeamento que esconde a possível transição penosa. Assim aberto à infinitas expressões, o corpo ganha uma elasticidade e uma dinâmica especial das mais sugestivas. O espetáculo surpreende pela plasticidade e pela contínua exploração de formas.

Cabe destacar Célia Gouvêa porque, de fato, **Caminhada** é a realização de uma mentalidade diferente, que o Mudra por certo moldou. Maurice Vaneau, em que pesem suas numerosas encenações teatrais de qualidade (desde **Casa de Chá de Luar de Agosto** a **Quem Tem Medo de Virginia Woolf?**, entre outras) e seu conhecido gosto pela mímica e pela dança, não havia tido ainda a coragem de tamanha ruptura, que o leva no espetáculo, por sinal, e uma pequena aparição admirável, tanto pela técnica do gesto como da voz. A “caminhada” paralela do casal, que assina a coreografia e a direção, foi a responsável por essa fusão tão perfeita de ideia e forma.

É quase milagroso que um elenco vindo de outra formação tenha conseguido integrar-se tão bem no espetáculo. Tudo funciona com tanto vigor que se chega a pensar que os intérpretes sofreram o mesmo aprendizado de Célia. Cada intenção esta nitidamente definida e o grupo funciona como um todo harmonioso. As poucas semanas de ensaios não impediram que a montagem atingisse completa maturidade.

Na terceira caminhada, que toma a segunda parte do espetáculo, Célia e Vaneau conseguiram construir uma fábula simples e de extrema eficácia. Depois do exercício da liberdade, um ditador impõe o seu arbítrio, até que o outro líder o vence e se destrói o seu jogo. Se fossem utilizadas palavras, seria necessário um longo processo analítico, em que provavelmente se perderia a força simbólica da narrativa. A síntese, o vigor das imagens torna exemplar a história criada.

Como essa terceira caminhada está plenamente realizada em termos artísticos, as duas primeiras, que iniciam o espetáculo, apesar de suas virtudes e de sua pesquisa permanecem mais próximas de um trabalho experimental, ainda inacabado. Elas indicam o inteligente exercício, que deve ser aproveitado numa obra que saiu do embrião. Um público sensível, porém, se mostrará estimulado pelas duas primeiras caminhadas, até desfrutar a plenitude da última. Num momento em que se discute a validade de todas as linguagens, **Caminhada** representa um ato de fé numa comunicação nova da arte.

* In: **Jornal da Tarde**, São Paulo, p. [?], 10 dez. 1974.